Class PQ2161

Book .L66M5

1562
3914

MINIATURAS

POR

Antonio Candido Gonçalves Crespo

Natural do Rio de Janeiro

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1871

A' seu irmão e amigo

José Ant.º de Carvalho Monteiro

Ff.ce

Ant.º A. de C. Monteiro

Coimbra 17 - 4 - 71.

MINIATURAS

No imperio do Brazil pertence ao Exmo Sr. Domingos Sanctiago a propriedade d'este livro.

MINIATURAS

POR

ANTONIO CANDIDO GONÇALVES CRESPO

Natural do Rio de Janeiro

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1871

PQ9261
.G66M5

387270
'29

AMK April 7/32

A MEU PAE

O SENHOR

ANTONIO JOSÉ GONÇALVES CRESPO

A BÓRDO

AO MEU AMIGO E MESTRE J. PENHA

I

É funda a calmaria.
O mar dorme tranquillo e socegado,
E o céu d'aquelle dia
É como infindo páramo azulado.

II

O sol dardeja a prumo
No convés da galera *Diamante;*
Toma as alturas e combina o rumo
O piloto marcando-o no sextante.

III

Na prôa os marinheiros,
Recostados em rôlos de cordame,
Escutam galhofeiros
Um velho, que lhes conta seus amores.
O narrador dizia:
«Foi isto em Buenos-Ayres; só queria
«Que a vissem, como eu vi, dançar *boleros,*
«O corpo requebrando;
«A saia curta; as mãos, postas nas ancas;
«Os olhos atiçando...
«Que valente fragata!
«Valia mais de certo, que dez brancas,
«Mariquita a mulata!»

IV

Da escotilha á entrada,
No corrimão lustroso
Da vacillante escada,
Um verde papagaio cubiçoso
Namora com olhares sem ventura
Um cacho de bananas,
Que do cesto de gávea se pendura.

V

É variado o aspecto
Da envernizada camara; a um lado
De uma comprida meza
Um *king's-charles* inquieto
Ladra brincando e atira-se ao regaço
De uma sêcca, espigada e velha ingleza.

VI

Uma adoravel *miss*
De tranças anneladas,
E de olhos de um azul casto e sereno,
Affaga com meiguice,
Dando infantis risadas,
Da lady semsabôr o cão pequeno.

VII

De chapéu desabado,
Chapéu do Chili que uma tenda eguala,
De charuto na bocca, um *fazendeiro*
Passeia pela sala,
Olhando namorado
O rosto feiticeiro
De uma gentil Bahiana eslanguescida,
Que num doce pensar scisma embebida.

VIII

Alguns louros meninos,
Em cadeiras de vime empoleirados,
Apontam com seus dedos pequeninos,
Commentando enlevados,
As paginas ornadas de gravuras
De um livro de subtis caricaturas.

IX

Envolta na fumaça
De uma leve e cheirosa cigarrilha,
O pé deixando ver de sob a cassa
De seus brancos vestidos,
Uma linda morena de Sevilha
Se deixa amar por um francez poeta.
Almiscarado, louro, e de luneta.

X

Jogam o voltarete
Tres portuguezes velhos,
Falladores, teimosos, e vermelhos:
Da meza no tapete,
De cerveja entre as taças facetadas,
Scintillam como espelhos
As caixas de rapé auri-lavradas.

XI

Debruçado no encôsto
De uma fôfa cadeira,
O velho capitão de bronzeo rosto
A uns colonos allemães reconta
De que modo e maneira
Nas margens do Amazonas apanhara
—Andando em caça na deserta areia—
A variada e refulgente arara,
Que as attenções prendera da assembleia.

XI

Assim passava; e emquanto
Prosegue o capitão, a velha ingleza
Dormita reclinada sobre a meza;
O cão não ladra; e a *miss* escuta o canto
Arrastado, monótono, e chorôso
De uma robusta negra, que balança
Na rêde fluctuante uma creança.

XII

O vento refrescara,
E move-se a galera. A comitiva
Para a *coberta* ascende alegre e viva.
Range no entanto o leme:
Na camara só fica a triste arara
E o francez, que murmura em voz, que treme,
Á bella señorita: *je vous aime!*

1870

A NOIVA

A noiva passa rindo
De rosas coroada,
Como um botão surgindo
Á luz da madrugada.

Na fronte immaculada
O véu lhe desce lindo,
E a brisa enamorada
Lhe furta um beijo infindo...

Ante o altar se inclina
A noiva, e purpurina
Murmura a mêdo: sim.

Agora é noite; a lua
No céu azul fluctua,
E o noivo diz: emfim!

1870

A SÉSTA

Na rêde, que um negro morôso balança,
Qual berço de espumas,
Formosa creoula repousa e dormita,
Emquanto a mucamba nos ares agita
Um leque de plumas.

Na rêde perpassam as trémulas sombras
Dos altos bambús;
E dorme a creoula de manso embalada,
Pendidos os braços da rêde nevada
Mimosos, e nús.

A rêde, que os ares em tôrno perfuma
De vivos aromas,
De subito pára, que o negro indolente
Espreita lascivo da bella dormente
As túmidas pômas.

Na rêde suspensa dos ramos erguidos
Suspira e sorrí
A languida moça cercada de flores;
Aos guinchos dá saltos na esteira de cores
Felpudo saguy.

Na rêde, por vezes, agita-se a bella,
Talvez murmurando
Em sonhos as trovas cadentes, saudosas,
Que triste colono por noites formosas
Descanta chorando.

A rêde nos ares de novo fluctúa,
E a bella a sonhar!
Ao longe nos bosques escuros, cerrados,
De negros captivos os cantos magoados
Soluçam no ar.

Na rêde olorosa, silencio! deixae-a
Dormir em descanso!..
Escravo, balança-lhe a rêde serena;
Mestiça, teu leque de plumas acena
De manso, de manso...

O vento que passe tranquillo, de leve,
Nas folhas do engá;
As aves que abafem seu canto sentido;
As rodas do *engenho* não façam ruido,
Que dorme a Sinhá!

1870

A MULHER QUE RIA

Seu rosto tinha a doce transparencia
Das louças do Japão: era judia;
Em seus olhos azues quanta innocencia!
Mas dos sonhos de amor zombava, e ria.

Mixto de sombra e luz: ás vezes pura
Como aerea vizão me apparecia;
Outras vezes, extranha creatura!
Era a pagã que entre meus braços ria.

Se de amor doces phrases eu soltava,
E febril seus cabellos desprendia,
De meus joelhos, douda, resvalava,
E beijando-me, Esther cantava, e ria.

Minha alcôva era um ninho perfumado,
E entre flores a vida me corria:
O socêgo perdi, enamorado
D'essa mulher, que ora cantava, ou ria.

Uma vez, numa ceia deslumbrante,
Entre o ruidoso estrépito da orgia,
Nos braços desmaiou d'um estudante:
Depois, deixou-me só... cantava e ria.

. .

Que saudades eu tive! em meu caminho
Vi-a hontem passar, triste e sombria,
Sôlta na espádua a trança em desalinho:
Era a sombra de Esther, pois já não ria.

1869

O CAMARIM

A luz do sol affaga docemente
As bordadas cortinas de escomilha;
Penetrantes aromas de baunilha
Ondulam pelo tépido ambiente.

Sobre a estante do piano reluzente
Repousa a *Norma,* e ao lado uma quadrilha;
E do leito francez nas côlchas brilha
De um cão de raça o olhar intelligente.

Ao pé das longas vestes, descuidadas
Dormem nos arabescos do tapete
Duas leves botinas delicadas.

Sobre a meza emmurchece um ramilhete,
E entre um leque e umas luvas perfumadas
Scintilla um caprichoso bracelete.

1870

ARRUFOS

Olha, visinha; não póde
Soffrer mais tempo os agrores
De teus esquivos amores
O meu amor sem ventura;

Se te ólho, voltas o rosto
Com modos de aborrecida;
Se te fallo, distraída
Fitas os olhos na altura...

Não era assim n'outros tempos!
Nem já te lembras, pequena!
Foi n'um dia de novena,
Que te vi a vez primeira:
Em todo o tempo da festa
Eu tive os olhos cravados
Em teus cabellos cendrados
E n'esse rosto de cêra.

No fim da novena, á porta
Eu já te estava esperando,
De um lado e do outro olhando,
Temendo que te não visse...

Mas, quando por mim passaste
E me roçou teu vestido,
Fiquei a ponto perdido,
Que nem sei o que te disse!

Alguma phrase amorosa!
Que tu ouvindo-a paraste,
E os olhos em mim pousaste,
Como quem diz: esperava!
Depois travámos conversa
Tão nossa, tão divertida,
Que na longa despedida,
O *tu* por vezes te dava.

Isto era em abril: em maio,
Quando das aulas chegava,
Sempre na mesa encontrava
Um ramilhete cheiroso.

Um dia achei um escripto
Que dizia: Venha cedo,
«Quero dizer-lhe um segredo;
«Mas não tarde, preguiçoso!»

Desci de um salto as escadas;
Quando cheguei, tu ergueste
O meigo olhar, e disseste
Presa de amor e ventura:
«Não sabe? faço annos hoje;
«Não recuse, meu amigo,
«Jantará hoje commigo...
E depozeste a costura.

D'ahi a pouco voltavas,
Minha doce primavera!
Com um collar, que eu te dera,
E o meu gorro nos cabellos.

Jantámos: que tarde aquella,
Cheia de louca poesia!
Quanto amor, quanta alegria!
Como os vinte annos são bellos!

Uma vez tinhamos vindo
De passeiar pela aldeia.
Que noite de lua cheia!
Parece que a vejo agora...
Era em noite de S. Pedro,
Quando ouvimos n'um descante:
«*O amor de um estudante*
«*Não dura mais que uma hora.*»

Teu braço tremeu, teu corpo
Vergou-se, mimosa planta
Se o temporal se levanta,
E a face do céu descora...

E repetias baixinho
Com doce voz supplicante:
«*O amor de um estudante*
«*Não dura mais que uma hora.*»

Em todo o nosso caminho
Foste calada e chorando,
E tímida desviando
Teus grandes olhos dos meus;
Á entrada da tua porta
Tentei beijar-te, fugiste;
E n'aquella hora tão triste
Nem ouvi siquer: adeus!

Desde então, ao teu postigo,
Por mais que os olhos relanço,
Embalde imploro o descanço
D'esta minha desventura;

Se te ólho, voltas o rosto
Com modos de aborrecida;
Se te fallo, distraída
Fitas os olhos na altura...

1869

N. H.

Tu não és de Romeu a doce amante,
A triste Julieta, que suspira,
Sôlto o cabello aos ventos ondeante,
Inquietas cordas de suspensa lyra.

Não és Ophelia, a virgem lacrymante,
Que ao luar nos jardins vaga e delira,
E é levada nas aguas fluctuante,
Como em sonho de amor que cedo expira.

És a estatua de marmore de rosa;
Galateia acordando voluptuosa
Do grego artista ao fogo de mil beijos...

És a languida Julia, que desmaia;
És Haydéa nos concavos da praia:
Fosse eu o Dom João dos teus desejos!..

MODESTA

A MINHA IRMÃ

I

Se lembro esse momento
Mais bello d'esta vida!
Voava desprendida
A tua coma ao vento...

O teu olhar, querida,
Desceu ao meu tormento,
E após, enternecida
Disseste em brando accento:

«Tua alma soffre e chora,
«Quando o porvir se inflora,
«Quando a teu lado estou!..»

Doce te olhei tremendo;
A noite ia descendo,
Um beijo se escutou.

II

Um beijo se escutou,
E eu via mal seguro
A luz, que elle traçou
No azul do meu futuro.

Um beijo se escutou,
Depois... teu labio puro
Mais brando suspirou
Que a pomba em ermo escuro.

Voz doce e piedosa!
Não fujas, mariposa,
Não tremas, Galatéa!..

Gwinplaine extasiado,
De um osculo sagrado
Os pés ungia a Déa...

. .

III

O prado tem as flores,
Boninas a floresta,
Eu tenho-te, Modesta,
Meus candidos amores.

Quando me inclinam mésta
A fronte os dissabores,
Sorris-me tu, Modesta,
E vão-se as minhas dores.

Desceste ao meu abrigo,
Ah! como eu te bemdigo!
Oh! como te amo eu!

Que nos teus labios vejo
Na aureola de um beijo
O resplendor do ceu!

IV

És bella, és casta, és pura;
O teu olhar consola,
Se o lanças, doce esmola,
Á sombra, á desventura...

Vieste-me da altura,
Immaculada rôla;
Abriste, alva corolla,
Em minha noite escura.

Na escalvada rocha
A flôr não desabrocha
O mádido botão;

Mas tu sorris ao ver-me,
A mim, obscuro verme:
Não te mereço, não!

V

Se beijo essa cabeça,
Meu premio, auxilio e guia,
Suffoca-me a alegria,
Nem sei que mais eu peça.

Não póde a bruma espessa
Casar-se á luz do dia:
Unir-se a ti podia
A minha sorte avêssa?

Ainda é tempo; escuta,
O meu amor enluta;
Venceu-te uma illusão...

Tu bem me vês no rosto
A sombra do sol-posto...
Se eu fosse teu irmão!

VI

Oh rosas purpurinas,
Que tapetaes o prado!
Trazei, lyrios, boninas,
O arôma embalsamado.

Oh aves peregrinas!
Por esse azul arqueado
Soltae canções divinas:
É hoje o meu noivado.

Estrellas scintillantes,
Eternos diamantes
De trémulo fulgôr,

Brilhae! sonha Modesta
Que tem na fronte honesta
Da larangeira a flôr.

VII

Que doce é ver agora
A natureza, quando
O plúmeo e alegre bando
Saúda a luz da aurora!

No prado o orvalho chora
Aljofres derramando:
Já se ouve ao longe a nora,
E o lavrador cantando.

As auras amorosas
Passam beijando as rosas,
E tu dormindo, flôr!

Ergue-te, lyrio santo,
Accorda, meu encanto,
Modesta, meu amor!

VIII

Dormia, assim a lua,
Em nuvens perfumadas
Nos ares embaladas,
Esconde-se, e fluctua...

As roupas descuidadas
Deixam-na semi-nua:
Que fórmas delicadas!
Dormia, assim a lua...

Aquelle seio trouxe
Não sei que aroma doce,
Que doce embriaguez!

Tão bella! enfeitiçado,
Beijei-lhe namorado
A curva de seus pés.

IX

Do templo o véu rasgou-se,
Na treva eil-o sumido!
O sonho estremecido
Em fumo dissipou-se!

Erguer, embevecido
N'aquelle amor tão doce,
Um idolo, que fosse!
E vel-o assim cahido!

Oh pétala de rosa,
Que nuvem tormentosa
Te confundiu no pó?

De tanto amor, que resta?
Um tumulo, Modesta,
E eu sobre a terra, só!

X

Morreu! assim a prece
Na cathedral sombria
Se esvae; á luz do dia
A lampada esmorece.

Curva-se a loira messe,
Se passa a aragem fria;
Tão bella assim! dormia...
Se á vida renascesse!

Levava as mãos no peito,
Goivos naquella trança,
Que tanta vez beijei.

Oh sonho meu desfeito!
Voaste-me, creança!
Deus sabe se te amei!

1870

ELEITOS E PRECITOS

Se passam em tropel, rugindo, os ventos
Da floresta na densa ramaria,
Cremos ouvir nas vascas da agonia
De esmagados titans rudes lamentos.

Quando a furia descae dos elementos,
E mais se afrouxa a agreste symphonia,
Pelos erguidos ramos corpolentos
De aves se alastra a varia melodia.

Os lamentos, que se ouvem na floresta,
São as raivas e os gritos temerosos
De quem o eterno azul jámais alcança.

E a melodia, a namorada festa
Das aves e dos ninhos sonorosos,
É o sorrir da bemaventurança.

UM NUMERO DO INTERMEZZO

Ria tomando chá entôrno á meza
Da sociedade a flôr;
E no campo de estheticas oppostas
Discutia-se o amor.

«O amor deve ser ethereo e puro»,
O conselheiro diz:
Sorrindo a conselheira um ai! abafa
Com gestos de infeliz.

Diz o cónego: «o amor destroe, mas quando
Sensual, já se vê!»
A donzella pergunta ingenuamente:
«Reverendo, porque?»

A condessa murmura em voz dolente:
«O amor é uma paixão.»
E languida uma chavena offerece
Ao pallido barão.

Era vago um logar entôrno á meza
Era o teu, minha flôr!
Tu, só tu, poderias, se o quizesses,
Dizer o que era amor!

DULCE

IMITAÇÃO

AO SR. FERNANDES PEREIRA

Vi-a um dia na rua. Fluctuante
Ao desdem lhe caía a loira trança;
Como a luz d'um pharol, essa creança
Levou-me atrás de si... triste bacchante!

Era o seu nome Dulce: o povo rude
Apontava-a mofando, quando a via.
Docemente sorrindo ella dizia:
«Tu sabes, se te amei, santa virtude!»

Um dia a quiz beijar: fugiu-me triste:
«Dulce me chamam, disse, que amargura!
«Este corpo, que vês, é sanie impura,
«Nem mais amargo fel no mundo existe.

«Que tôrva historia a minha! é breve, attende:
«Por minha mãe, que a fome allucinava,
«Lançada fui no abysmo!.. então amava...
«Hoje sou Dulce, a lama que se vende...»

VIOLETA

Apertar-lhe, senhora, as mãos pequenas
Nunca me foi logrado esse desejo,
Por bem pago me dou das minhas penas
Se um dia a vejo!

Vel-a sómente! amor desavisado!
Que já nem sei agora, que mais peça;
Nem sei de extremos, ou maior agrado,
Que lhe mereça.

Quizesse a minha próspera ventura
Descobrir-lhe esta dor, que me devora;
Teria dó da minha vida escura,
Gentil senhora.

Que para mim a aurora nunca aponta,
Nem eu vejo do sol os resplendores;
Os males meus, senhora, não têm conta,
Nem minhas dores.

Mas quando a furto a vejo, que alegria!
Mas quando a voz lhe escuto, desfalleço!
E d'este padecer, que me excrucia,
Até me esqueço.

Eu não lhe imploro amor; vira sómente
Entreabrir-se-me o céu, formosa dama,
Se lhe ouvisse dizer com voz tremente:
«Como elle me ama!»

1869

CONSOLAÇÃO

Quando á noute no baile explenduroso
Vaes na onda da walsa arrebatada
Com a serena fronte reclinada
Sobre o peito feliz do par ditoso...

Mal sabes tu, que existe um desditoso
Faminto de te ver, oh minha amada!
E que sente a sua alma angustiada
Longe da luz do teu olhar piedoso.

Mas quando a rôxa aurora vem nascendo,
E a cotovia accorda o laranjal,
E os astros vão de todo esmorecendo;

Eu cuido ver-te, oh lyrio divinal,
As minhas cartas ávida relendo
Semi-nua no leito virginal.

1869

SARA

I

Não cantarei o sol, a terra e os largos mares,
E o bosque murmurante, e os ninhos das ramadas:
Meus hymnos serão teus, e as notas namoradas
Te vibrarei no pléctro, oh Esposa dos cantares!

Sómente cantarei o teu olhar divino,
E esse collo, moldado em candido alabastro,
Onde ás vezes desmaio, e aonde te desnastro
Em delirios febris as cômas de oiro fino.

Teu corpo cantarei, a explendida esculptura,
O livro onde aprendi a ler quantas delicias
Nos chovem da mulher nas trémulas caricias,
Que nos erguem ao céu nas azas da ventura.

Teus labios cantarei, abençoado porto,
Onde vae soluçar a vaga de meus beijos,
Lyra, que se desata em timidos harpejos,
Quando me pende a fronte em lasso desconfôrto.

Se em teus braços me inclino, eu sinto que me afundo
Num abysmo de seda e plumas perfumadas,
E exulto, e choro e canto; e a roseas alvoradas
Ergue o vôo minha alma em extasis profundo.

Tu és a Fornarina: e eu nesses olhos leio
A luz que cega e mata... Embora! venham rosas!
Quero cingir a fronte, e em noites amorosas
Como Sanzio morrer nas ondas de teu seio...

II

Milagre da natura
És tu, mulher; o artista
Ajoelha, se te avista,
Oh rara formosura!

Deslumbra na brancura
Teu corpo, e cega a vista;
Mas ver-te assim... contrista!
Tão bella, e tão impura!..

Meu sonho foi a rosa
Na vaga tumultuosa:
Tão cedo o vi morrer!

Phrinêa, tu não choras,
Nem tremes, nem descoras:
És marmore, mulher!

III

Ha um mixto de azul e trevas agitadas,
Nesse felino olhar de lubrica bachante.
Quando lhe cae aos pés a roupa fluctuante
Contemplo, mudo e absorto, as formas recatadas.

Nessa mulher esplende um poema deslumbrante
De volupia e languor; em noutes tresloucadas
Que suave não é nas rosas perfumadas
De seus labios beber o aroma inebriante!

Fascina, quando a vejo á noite semi-nua,
Postas as mãos no seio, onde o desejo estua,
A bocca descerrada, amortecido o olhar...

Fascina, mas sua alma é lodo, onde não poisa
Um raio d'essa aurora, o amor, sublime coisa!
Raio de luz perdido em tormentoso mar!

IV

No alvorecer das minhas primaveras
Tu me surgiste, apparição mimosa,
E eu pude ver logradas as chimeras
Da minha escura vida procellosa!

Com tanto ardor não cingem verdes heras
O tronco da palmeira voluptuosa,
Como quando no abraço dilaceras
Este meu seio nú, pagã formosa!

Eu quero desvendar este mysterio:
Se alguma coisa em ti de vago e ethereo
Existe meio occulta na penumbra...

Quero sentir, palpar a realidade;
Mas ante o brilho augusto da verdade
A luz do meu amor toda se obumbra.

V

Sara, quando me vês, suave e brando,
Repellir os teus beijos amorosos,
Talvez julgues, mulher, ir declinando
O alegre sol dos dias teus formosos.

Como te enganas, flôr! chóro pensando
Que foste irmã dos lyrios setinosos,
E que talvez o céu fulgiu brilhando
De teus olhos nos raios luminosos...

Quem te colheu o beijo primitivo?
Que Fausto, ou Mephystopheles altivo
Te ennodoou as vestes, Margarida?

Escuta: emquanto dormes, impudente,
Talvez 'nalguma estrella resplendente
Chore tua alma triste e arrependida.

VI

Sara, tens a belleza e a fórma seductora
Que Ticiano adorara, e Angelo esculpira;
De teu profundo olhar na humida saphyra
Em desmaios eu bebo a luz que me devora.

Sara, meiga visão! meu ser chora e delira
Se te vejo infantil, suave, encantadora,
E que vou desferir a nota gemedora
Do meu insano amor no labio que suspira.

Foste o molde talvez de algum sonho divino,
Estrella vinda á terra, oh corpo alabastrino,
Que em namorado extremo apérto contra o seio!

Mas sorris quando triste oscúlo os teus cabellos,
E te conto a illusão dos meus vagos anhelos:
Eu te perdôo, flôr! creança, eu te pranteio!

VII

Meu braço quando cinge
Teu corpo avelludado,
De rubra côr se tinge
Teu rosto desmaiado.

Dizer tão namorado,
O que esse labio finge!
Depois... tudo evolado!
Ris-te na sombra, esphynge.

Podesse eu triste agora
Dizer que vi a aurora
Fulgir um só momento!

Desesperar eterno!
Oh! basta d'este inferno!
Esplenda o firmamento!

VIII

Oh Sara, minha Lesbia, em cuja bocca aspiro
A volupia que mata, o goso que adormenta!
Quando te agita o sangue a febre que dementa,
Manso e manso desmaio aos beijos de um vampiro.

És como a estatua grega, o assombro da esculptura,
Erguêra-te um altar o ardente paganismo;
Desce de ti a luz, que brilha em meu abysmo,
Esplendente ideal da eterna formosura!

Maravilha da carne, ás vezes se num beijo,
D'esses beijos febris e humidos, transvasas
Em meu ancioso peito o fogo em que te abrasas,
E te fustiga em lava asperrimo desejo,

Presinto que se esvae a noute procellosa
Á luz de um teu olhar na languida agonia,
E adormeço, mulher, num sonho de magia
Como em plácido leito a onda preguiçosa.

Depois ás horas, quando a curva mais se acalma
Do seio turbulento, e o mar da longa trança
Pouco e pouco se espraia... e flácido descansa,
Não sei que dôr levanta os seios de minh'alma.

Que importa, que eu enxugue ao fogo de teus beijos
O pranto, que me orvalha a palpebra sombria?
Se vejo o ideal, que tanto resplendia,
Perder-se pela altura em trémulos adejos!

O ROSARIO

A MANUEL ARRIAGA

Quando á noite contemplo taciturno
Estas contas antigas, o rosario
Das minhas orações,
Vejo em minh'alma o poema legendario
Dos velhos tempos das longinquas eras
De santas devoções.

A cruz eburnea, onde agoniza o Christo,
É de um lavor subtil, que nos revela
Um genio magistral,
Obra de monge em merenchoria cella,
Piedoso artista ha muito adormecido
Em velha cathedral.

Tem seculos: talvez que nestas contas
Passasse outr'ora suas mãos esguias
A castellã senil,
Pensando triste nos ditosos dias,
Em que a seus pés um menestrel vibrava
O mimoso arrabil.

Talvez que este rosario minorasse
As saudades da noiva lacrymante,
Que debalde esperou
Em cada náu, que vinha de Levante,
O seu donzel amado que partira,
E nunca mais voltou.

Sobre a cóta de um joven cavalleiro,
Que o beijava por noites estrelladas
Pensando em sua mãe,
Elle assistiu ás guerras das cruzadas,
Atravessou talvez a terra santa
E viu Jerusalem.

Talvez alguma freira em triste claustro,
De seus annos na doce primavera,
Só d'elle confiou
Seus loucos sonhos de fallaz chimera,
E, apertando o rosario ao peito ancioso,
Consolada expirou.

Isto o que leio no rosario antigo;
E, quando melancholico lhe beijo
As contas de marfim,
No ar escuto indefinido harpejo,
E então a crença, a mystica toada
Murmura dentro em mim.

1871

DESTINOS

A M. J. B.

Tu és a andorinha timida
Em migração para o sul;
Eu sou o abutre esfaimado,
Esse demonio emplumado,
O escuro Ashavero do azul.

Tu és a prece bemdita,
Que da innocencia partiu;
Eu sou o grito raivoso
Do miserrimo Leproso,
A quem o Senhor feriu.

Tu és o ramo de anémonas,
Que sobre o altar rescendeu;
Eu sou a folhagem mésta
Da mandrágora funesta,
Que da forca aos pés nasceu.

Aurora, foge da noite!
Rebrilha, estrella ideal!
E viva eu só, ignorado,
O viver desamparado
Da triste garça real!

ARREPENDIDA

A VICENTE MONTEIRO

Nesse quarto pequeno, húmido e estreito,
A miseria assentou a mão sombria:
A esteira do luar, que o alumia,
Mais lhe engrandece o luctuoso effeito.

A um lado da vetusta gelosia
Véla triste mulher; no immundo leito
Alguem resona lugubre, e desfeito
Pelos excessos da nocturna orgia.

Ella scisma ao luar; todo o passado
A seus olhos avulta, illuminado
Pelos dúbios reflexos da tristeza...

Por uma noite assim, limpida e clara,
Sua modesta alcôva ella deixára
Por esse que alli dorme, e que a despresa!

1870

NERA

I

Uma larga piscina, obra de um grego artista,
Atráe da alcova em meio a fascinada vista.

II

De trabalhado bronze um Pan malicioso
Finge na tenue flauta um canto harmonioso.

III

Uma estatua do Amor, de Paros côr de rosa,
Entre verdes festões assoma graciosa.

IV

Em jarras de Corintho esmaiam bellas flores,
Espalham-se no ar suavissimos olores.

V

O tecto é de mosaico, e ornado de figuras;
Riem pela parede eroticas pinturas.

VI

Sobre mezas de jaspe, orladas de imbutidos,
Repousam joias de oiro, esplendidos vestidos.

VII

Nas purpuras do leito eburneo uma creança
Dormita; a luz do sol lhe beija a loira trança.

VIII

Formosa! vista assim no leito adormecida,
É nayade gentil em relva humedecida.

IX

Murmuram do clepsydro as aguas. No entretanto
Nera seu corpo estira em flascido quebranto.

X

Abre — felino geito! — os labios côr de rosa,
Como em busca de um beijo, a dama voluptuosa.

XI

Sonha! julga sentir no rosto de açucena
Os beijos de Bactylo, o gladiador da arena.

XII

Subito, em toda a Roma a plebe dissoluta
«Ao Circo!» ruge e grita; a dama accorda, e escuta.

XIII

Ergue o corpo de neve a linda Galateia,
«Ao Circo!» e em seu olhar sorri ignota ideia...

1870

ALGUEM

Para alguem sou o lyrio entre os abrolhos,
E tenho as fórmas ideaes do Christo;
Para alguem sou a vida e a luz dos olhos,
E se na terra existe, é porque existo.

Esse alguem, que prefere ao namorado
Cantar das aves minha rude voz,
Não és tu, anjo meu idolatrado!
Nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite me reclino e deito
Melancholico, triste e fatigado,
Esse alguem abre as azas no meu leito,
E o meu somno deslisa perfumado.

Chovam bençãos de Deus sobre a que chora
Por mim alem dos mares! esse alguem
É de meus dias a esplendente aurora,
És tu, doce velhinha, oh minha mãe!

NA RÓÇA

AO DR. LUIZ JARDIM

Cercada de mestiças, no terreiro,
Scisma a Senhora Moça; vem descendo
A noite, e pouco e pouco escurecendo
O valle umbroso e o monte sobranceiro.

Brilham insectos no capim rasteiro,
Vem das mattas os negros recolhendo;
Na longa estrada echôa esmorecendo
O monótono canto de um tropeiro.

Atrás das grandes, pardas borboletas,
Creanças nuas lá se vão inquietas
Na varanda correndo ladrilhada.

Desponta a lua: o sabiá gorgeia;
Emquanto ás portas do curral ondeia
A mugidora fila da boiada...

UMA ANDALUZA

A MARÇAL PACHECO

Tinha os pés e as mãos em miniatura,
Essa por quem suspira em vão Sevilha;
Seu collo era um modelo de esculptura,
Visto de sob as franjas da mantilha.

Em seu gracioso andar sobreexcedia
De panthera a felina gentileza;
Era famosa em toda a Andaluzia
A longa trança da gentil marqueza.

E por ninguem batêra aquelle seio
De creança indolente e caprichosa!
Nenhum—hidalgo—em namorado enleio
Ousou dizer-lhe um dia: «é tão formosa!»

Por vezes nas—tertulias—repetia,
Dedilhando no leque rendilhado,
Que a doces galanteios preferia
De um—papelito—o fumo perfumado.

Á noite, quando a lua é toda amores,
E a guitarra soluça mais dolente,
No seu balcão de gothicos lavores
A marqueza sorria-se indolente.

Um alcaide, poeta e cavalheiro,
De ciume feroz embriagado,
No leito apunhalara um estrangeiro
Da bella señorita namorado.

Alguem disse, que o facto deshumano
A deixara impassivel e serena,
E que se ouvira toda a noite ao piano
O canto alegre da gentil morena.

Mais tarde, numa esplendida tourada,
De — El-Niño — ao ver um — cambio — perigoso,
Perturbou-se-lhe a fronte socegada,
E palpitou-lhe o seio de amoroso.

Hoje embalde suspira a serenada,
Murmura em vão na — calle — a seguidilha,
Que a marqueza gentil e enamorada
Por um — torero — abandonou Sevilha!

BIANCO VESTITA

Quando sou a teu lado e sinto o aroma
Das tuas fallas puras de creança,
Embriagam-me os sonhos de esperança,
Que em vão posso lograr na curta vida.

. .

Visão de amor! o beijo sacrosanto,
Colhido nessa bocca purpurina,
Foi como a luz do sol entre a neblina;
Eu te bemdigo, noiva estremecida!

Por vezes ao luar, nessa varanda,
Quando ao seio te apérto enamorada,
E a medo se desata magoada
A canção de minh'alma que delira,

A face te desmaia docemente,
Descáe-te a fronte languida no seio,
Humido o labio em desmaiado anceio
Tenues vozes de amor brando suspira.

Flor de innocencia! o sonho de ventura,
Que antevejo no aroma d'essas fallas,
Não vale as nuvens de oiro em que te embalas
E de teu leito o perfumado arminho...

Não me falles de amor, tímida rôla!
Estende as azas em perenne adejo!
Chore eu embora o sacrosanto beijo,
E as rosas que lançaste em meu caminho!..

186...

NOITE DE INVERNO

Dezembro, quando veste
O manto seu de arminho,
E o escuro torvelinho
Empana o azul celeste...

E sopra o agudo léste
No arido maninho,
Deserto é o caminho,
E a noite é fria, agreste...

Que doce então scismarmos
Na alcôva socegada,
E, quasi a adormecer,

A fronte reclinarmos
Na onda aveludada
De um collo de mulhei

1868

DESDICHADA

Sósinha e ao desamparo ella vivia
Nesse pobre casebre abandonado;
Não conhecêra pae nem mãe; doía
Fitar aquelle rosto macerado.

Nenhum rapaz esbelto a convidava
Para os descantes da festiva aldeia;
E comsigo a mesquinha suspirava:
«Doce Jesus! porque nasci tão feia?»

Quando a lua no céu azul surgia,
De alvôr banhando a múrmura deveza,
No postigo do albergue a sós gemia,
Triste mulher sem viço nem belleza.

Chamou-a Deus emfim: quando passava
O singello caixão na triste aldeia,
Melancholico o povo murmurava:
«Vae tão bonita, olhae! e era tão feia!..»

1870

Á BEIRA DO MONDEGO

Do azul na grande abobeda espelhada
Campeia a lua e os astros scintillantes,
Os pés nas frescas aguas murmurantes
Dorme Coimbra triste e socegada.

Ha pouco ainda a branda serenada
Nos bandolins chorava palpitantes;
Tudo é silencio agora, e das amantes
Não se movem as sombras na calçada.

O caes repoisa; a riba é solitaria;
Da ponte nos esguios candieiros
A luz vacilla crepitando varia.

Nas curvas lanchas dormem os barqueiros.
O poeta no entanto, o eterno paria,
Escuta a voz de Ignez entre os salgueiros.

CORTEJO

— DE PAULO VERLAINE —

Em vestes d'oiro e brocado,
Um mono os passos acerta
Ante a formosa, que aperta
Na mão um lenço bordado.

Atrás um negro luzido
Segue, de capa encarnada:
Sustém a cauda pesada
Do roçagante vestido.

O mono os olhos demora
No lacteo seio da bella,
Seio que a todos revela
A nua Venus d'outr'ora.

A espaços o negro, ousado,
Ergue a cauda mais um pouco:
Quer ver se as visões d'um louco
Mentiram... pobre coitado!

No rico salão festivo
Passeia a bella indolente:
Recresce a paixão ardente
No seu cortejo lascivo.

1868

MÃE

A M. DE CAMPOS CARVALHO

Ella velava perto
Do filho, que dormia,
E candida sorria
Ao lyrio entreaberto.

Da lua um raio incerto
No quarto se perdia;
E a mãe olhava o Dia
E a Luz do seu deserto.

No berço fluctuante
Moveu-se agora o infante
E accorda pranteando...

Não ha quadro mais bello
Que a mãe, solto o cabello,
O filho acalentando!

1869

A TUA CARTA

A J. SIMÕES DIAS

Tem as letras desmaiadas
A carta que me escreveste,
Talvez do calor do seio,
Onde escondida a trouxeste.

O perfume que ella exhala
Entonteceu-me a cabeça,
Lembraram-me os doces beijos
Da tua bocca, travêssa!

Eu não déra a tua carta
Por coisas de alta valia;
São mais lindos que as estrellas
Teus erros de orthographia!

Por isso tracto essa carta
Com mais cuidado e mais zêlo,
Que o louro annel que me déste
Das tranças do teu cabello.

Por isso a leio e releio
Toda a noite em voz magoada,
E o papel estou beijando
Quando rompe a madrugada.

Cinco lettras d'essa carta
Valem mais que a luz do dia,
São aquellas cinco lettras
Do teu nome de Maria...

Sempre que vejo essas lettras,
Cuido ver o teu sorriso;
Oh! lettras! vós sois as chaves
Das portas do paraizo!

Oh filha! quando medito
Nas rosas do meu passado,
Parece-me a tua carta
Um lindo altar enfeitado.

E penso... vê lá por onde
A phantasia me vôa!
Que tens a mão sobre a minha,
Que um padre nos abençôa...

Eu não déra a tua carta
Por coisas de alta valia,
Inda que mais não tivesse
Que o teu nome de Maria!

IL RITTRATO

Entre jasmins em perfumado ambiente
—Qual a Madona em nicho recatado—
Pende em moldura de ébano lavrado
A imagem da mulher que chóro ausente.

Sólta lhe desce a trança resplendente
Em ondas sobre o seio immaculado;
Doira-lhe o fino labio nacarado
Almo sorrir de amor, puro, innocente...

Poemas aereos nesses olhos leio,
Na luz dos olhos negros, e pranteio
O ver-me triste e só no meu retiro.

Doce visão do céu! ás vezes creio
Que suspiras de amor em vago anceio:
Onde me levas, intimo suspiro?

1868

ALLUCINAÇÃO

É este o seu jardim; no velho muro
Estende o jasmineiro a ramaria,
Chóra a fonte no mármor da bacia,
Rescende perto o laranjal escuro,

Este luar silencioso e puro
Vale bem o fulgôr d'aquelle dia,
Em que a doce creoula me dizia
O que eu talvez não ouça no futuro.

Sonho talvez! cuidei ter presentido
O arrastado e usual ruído
De suas vestes múrmuras de sêda...

Uma folha que desce, me desperta!
E eu vejo, á luz da lua, a sombra incerta
Das arvores nas ruas da alamêda.

1869

CANÇÃO

A BERNARDINO MACHADO

I

Mostraram-me um dia na roça dançando
Mestiça formosa de olhar azougado,
Co'um lenço de côres nos seios cruzado,
Nos lóbos da orelha pingentes de prata.
Que viva mulata!
Por ella o feitor
Diziam que andava perdido de amor.

II

De emtôrno dez legoas da vasta fazenda
A vel-a corriam gentís amadores,
E aos dictos galantes de finos amores,
Abrindo seus labios de viva escarlata,
Sorria a mulata,
Por quem o feitor
Nutria chimeras e sonhos de amor.

III

Um pobre mascate, que em noites de lua
Cantava módinhas, londuns magoados,
Amando a faceira dos olhos rasgados,
Ousou confessar-lh'o com voz timorata...
Amaste-o, mulata!
E o triste feitor
Chorava na sombra perdido de amor.

IV

Um dia encontraram na escura senzalla
O catre da bella mucamba vazio,
Embalde recortam pirógas o rio,
Embalde a procuram nas sombras da matta.
Fugira a mulata,
Por quem o feitor
Se foi definhando, perdido de amor.

1870

NEVER-MORE

IMPRESSÕES DE UMA POESIA DE MUSSET

Hontem ao ver-te, flôr! após a longa ausencia,
Scismando em não sei que, a tarde ia cahindo...
Lembrou-me o nosso amor, e a perfumada essencia,
Que profanaste rindo.

Oh sim! és bella ainda! a mesma palidez
Ennubla-te de leve o rosto de açucenas;
Teu corpo inda conserva a doce languidez
Das bellas Madrilenas.

Teus olhos têm a luz, a mesma luz que outr'ora
A vida me tornou em flóreo paraiso;
O mesmo aroma tem a trança côr de amora,
Teu labio o mesmo riso...

Mas, quando te oiço a falla, esvae-se o meu encanto,
O sonho se anniquilla e attonito extremeço!
Minh'alma, doudo amor! se alaga em triste pranto;
Mulher, não te conheço!..

Não és a mesma, não! não treme suspirosa,
Como outr'ora, creança, a tua voz tremia:
Busco embalde a illusão do sonho côr de rosa!
Tudo, tudo mentia!..

Mentia-me essa voz, e aquelle doudo anceio,
E o pranto que te vi na minha despedida!
Mentia-me essa fronte, occulta no meu seio...
E eras a minha vida!

Diz'-me: se eu perguntasse um dia o que fizeste
Das sanctas illusões das minhas primaveras,
Das crenças que depuz naquelle amor celeste,
Diz'-me: que responderas?

És hoje o mausoléu sombrio, onde descança,
Para sempre talvez, o meu doce passado!
Amanhecesse um dia a pallida esperança...
Mas... teu seio é gelado!

1869

MIMI

Recreia-se a minh'alma se á tardinha
Na janella diviso essa innocente;
Que nunca vi olhar mais transparente,
Nem figura gentil como a visinha!

Desce ás vezes a timida avesinha
Ao seu jardim, e afaga docemente
Da Cochinchina um gallo refulgente,
Que em seu regaço languido se aninha.

Ageita, ao ver-me, o seu vestido curto,
E, as louras tranças concertando a furto,
Fita os olhos no azul toda tristeza.

E nesse tempo acode-me á lembrança
O já ter visto assim uma creança
Numa gravura ideal da eschola ingleza.

SUAS MÃOS

As mãos d'essa franzina creatura
São feitas das camelias setinosas;
Ressumbra na suavissima textura
O azul das tenues veias caprichosas.

Levemente compridas, graciosas,
Escurecem das téclas a brancura,
E despresam as lindas preguiçosas
Os finos arabescos da costura.

Os dedos são de jaspe modelado;
E as unhas... só podiam as palêtas
De um chinez imitar-lhes o rosado.

Se alguem as beija em curvas etiquêtas,
Sente um aroma doce e delicado
Como o aroma subtil das violêtas.

1870

O MEU CACHIMBO

Beija os olhos do filho inanimado
A mãe, soltando sepulchraes lamentos:
Assim chorei, beijando esses fragmentos
Do meu loiro cachimbo requeimado.

Eras, pobre cachimbo, o que restava
Do aereo sonho d'esse amor desfeito!
Embalde apérto ao magoado peito
O cofre de xarão que te guardava!

Lembro-me ainda, qual se fosse agora,
De quando Helena, a timida creança,
Me deu em dia de annos por lembrança
Esse cachimbo que minh'alma chora.

Muita vez entre as ondas caprichosas
Do azulado fumo ella contava
A sua triste infancia, e desatava
Pelos hombros as tranças vaporosas;

Ou demorando na cerúlea altura
Os magoados olhos, repetia
Que bem cedo talvez me deixaria
Pela sombra feral da sepultura.

. .

Um dia fui achal-a em triste leito,
Mais trémula que um passaro ferido,
Descahia-lhe o rosto esmaecido
Sobre o marmore branco de seu peito.

E ouvi depois que em funebre ataúde
Me levaram a pallida violeta,
A minha enamorada Julieta,
A miragem da minha juventude.

E quando a noite repoisava escura,
E a solidão mais fundo me doía,
Nas espiras do fumo absorto a via,
E embalava-me em sonhos de ventura.

Oh meu cachimbo, companheiro e amigo,
Que na desdita e no prazer me viste!
Com quem agora fallarei da triste,
Que descança na sombra do jazigo?

1869

AO MEIO DIA

I

No cafesal cerrado
O silencio é completo: o Engenho dorme.
Do matto denso e enorme
Sae o vago susurro dos cortiços;
Não se ouve de aves o cantar magoado,
Nem coaxa a rã nos humidos caniços.

II

O fumo das cosinhas da Fazenda,
Pennacho vacillante,
Recorta em flócos de ligeira renda
O ar sereno em seu azul distante.

III

Na torre avermelhada
Chama a sineta ao sórdido repasto.
Dos escravos a turba afadigada,
Repleta de alegria,
Sob um tólde no pateo immenso e vasto
Descança do labôr do extenso dia.

IV

Entre dous ramos na suspensa rede
Dorme emtanto o feitor;
E su'alma irrequieta em sonhos vaga
Pelos paizes de um ditoso amor.

V

Sonha embebido, em louca phantasia,
Que á sombra do ingazeiro,
De vasta ramaria,
O velho fazendeiro,
Com voz grave d'est'arte lhe dizia:
«Sinto-me velho e enfermo
«Da vida já no termo:
«Se morro, ahi me fica ao desamparo,
«Sem irmãos, sem ninguem, sem um parente
«A minha pobre filha,
«O thesoiro do avaro.
«És honrado e valente,
«E pobre como eu fui... Ella consente,
«Podes chamar-lhe esposa...»

VI

E o feitor via, doce e carinhosa,
A pallida Sinhá,
No labio um riso honesto,
A desfolhar com peregrino gesto
Um roxo manacá.

VII

Ora os miseros negros insensiveis
A tanto amor e a tanta poesia,
Formam-se em varios grupos: este sólta
De um instrumento rispida harmonia
Ao som dos pés, que batem compassados;
Outro segue o voar dos maribondos,
Abrindo os grandes olhos esmaltados.

VII

Este apresta a armadilha cavilloso
Para caçar as vivas capiváras;
Outro, mais diligente e industrioso,
Vae concertando um cesto de taquaras.

IX

Num grupo separado
Os crias da Fazenda
Em doce enlêvo escutam
Um franzino mestiço afortunado,
Que relata baixinho o caso estranho
De ter visto a Sinhá tomando banho

X

Da sala da costura na janella,
Que a verde trepadeira
De cachos mil estrélla,
Passa ás vezes o rosto cobreado
Uma lasciva — parda — feiticeira.

XI

Um rancho de negritos,
Luzidios e nús,
Enchendo o ar de estrepitantes gritos,
O páteo cruzam rapidos, montados
Em varas de bambús,
Alevantando nuvens de poeira
Na vertigem da célere carreira.

XII

Folgam ao vel-os os saguys ligeiros;
E as araras formosas,
Os rubros olhos com temor piscando,
E as scintillantes pennas encrespando,
Já gritam buliçosas
No ébano lustroso dos poleiros.

XIII

De velhos negros numa vasta roda
Um Cabinda gracioso,
A quem a turba toda
Com applausos incita,
Vae meneando o corpo firme e airoso,
E a voz minhôta do feitor imita.

XIV

Este sonha no entanto:
Mas o sonho é mais triste, pois agora
Ante seus olhos, humidos de pranto,
Merencória visão se patenteia:
Vê da patria a campina verdejante
Onde brincára infante,
E a torre velha e esguia,
E a larga escadaria
Da velha egreja da saudosa aldeia.
Não longe do caminho
Nas sombras do arvoredo meio-occulta,
Como alvacento ninho,
A casa onde nascera alegre avulta.
Fallam com elle cheias de alegria
As moças do logar;
—«Oh Margarida! oh Rosa! e tu Maria!...»
E o triste a soluçar...
—«Onde está minha mãe?» eil-a que passa!
Tão mudada e abatida!..
—«Não vês teu filho, minha mãe querida?
Para abraçar-te de bem longe venho...»

XV

Nisto um grito solemne e imperioso
Veio quebrar o sonho venturoso:
Era o senhor do Engenho.

A CONFESSADA

Era tão linda assim, ajoelhada,
As mãos unidas com suave gesto,
Os olhos baixos, e um sorrir modesto
De seus labios na curva immaculada!

De um sacerdote aos pés severo e mésto
Ella curvara a fronte delicada,
E dizia-lhe baixo e socegada
De sua vida o deslisar honesto.

Mas subito uma nuvem côr de rosa
Ao rosto lhe subiu, fugaz meteóro!
E a voz tremeu-lhe inquieta e suspirosa...

E pude ver, sombrio Lovelace,
Essa palavra — amor — em letras de ouro
Traçadas no carmim de sua face.

TRANSFIGURAÇÃO

AO DR. JOSÉ FALCÃO

I

Era a voz de Jesus, benigna e tão suave
Como um perdão de mãe, ou como um trino de ave.

II

A turba, que o cercava, ouvia-o respeitosa,
Olhando aquella fronte, ebúrnea e luminosa.

III

Elle chamava a si, com fallas de esperanças,
O simples, o afflicto, e as timidas creanças.

IV

E fallava do céu, das coisas transparentes,
E de um culto ideal, ás almas innocentes.

V

Aos humildes dizia, erguendo o olhar profundo:
«O reino do Senhor não é o d'este mundo.»

VI

Ouviu-se então no povo em extasi embebido,
Um grito suffocado, um chôro dolorido.

VII

Jesus baixára a vista, affavel e serena:
«Feliz, disse, o que chóra, oh doce Magdalena!»

VIII

E ella, que em vida sôlta, alegre e descuidosa,
Passára os dias seus, triste mulher formosa!
Sentindo aquelle olhar, que entre ella e o céu fluctúa,
Nas tranças occultou a espádua semi-núa...

1870

FIM.

INDICE

MINIATURAS

	Pag.
A bórdo	5
A noiva	12
A sésta	14
A mulher que ria	18
O camarim	21
Arrufos	23
N. H.	30
Modesta	32
Eleitos e precitos	52
Um numero do intermezzo	54
Dulce	56
Violeta	58
Consolação	61
Sara	63
O rosario	81
Destinos	84
Arrependida	86
Nera	88

	Pag.
Alguem	92
Na róça	94
Uma andaluza	96
Bianco vestita	99
Noite de inverno	102
Desdichada	104
Á beira do Mondego	106
Cortejo	108
Mãe	110
A tua carta	112
Il rittrato	116
Allucinação	118
Canção	120
Never-more	123
Mimi	126
Suas mãos	128
O meu cachimbo	130
Ao meio dia	133
A confessada	141
Transfiguração	143

I E JL 32

Deposito na Livraria Academica
183 — Calçada — 185
Coimbra

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

Preservation Technologies

A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 331 665 0